



**DA RUA À INTERNET, HÁ A RUA:
SOCIABILIDADE E IDENTIDADE HIP-HOP NA CIDADE DE MACAÉ, RIO DE JANEIRO**

**FROM STREET TO THE INTERNET, THERE THE STREET:
SOCIABILITY AND IDENTITY HIP-HOP IN MACAÉ CITY, RIO DE JANEIRO**

Thais Dias Souza¹, Antonio Bernardes ²

RESUMO

Dentre os diversos movimentos sociais urbanos contemporâneos, atribui-se relevo ao movimento Hip-hop e sua importância na socialização dos jovens a partir de grupos sociais, considerando tanto sua característica atrelada ao lazer urbano como seus aspectos identitários. Para este último, destaca-se o reconhecimento mútuo entre os jovens e a construção de sua identidade como parte integrante do movimento social que busca desenvolver ideologias vinculadas as áreas periféricas e pobres das cidades. Assim, o presente manuscrito tem por objetivo analisar as formas de sociabilidade – tanto para aquelas presenciais como para as mediadas pela Internet –, as influências da cultura urbana e as formas de organização no espaço geográfico no processo de reforço e apropriação das centralidades urbanas pelo movimento Hip-hop na cidade de Macaé, Estado do Rio de Janeiro, especificamente, pelas batalhas de MC's. Afere-se que a imbricação das relações mediadas pela Internet com aquelas presenciais se trata de uma forma dialeticamente contraditória de produção do espaço urbano e da cidade, além de ser uma ferramenta de articulação do movimento Hip-hop, o que torna possíveis os encontros, as festividades e o desenvolvimento e divulgação das ideologias do grupo. Desse modo, as centralidades urbanas são apropriadas e reforçadas pelo movimento Hip-hop em Macaé, ao mesmo tempo, em que consolidam o próprio movimento social na cidade e nas redes mediadas pela Internet.

PALAVRAS-CHAVE: batalhas de MC's; centralidade urbana; redes sociais virtuais

ABSTRACT

Among the many contemporary urban social movements, is ascribed highlight to the Hip-Hop movement and your importance for the socialization of youth in the social groups. We consider its characteristic linked to the urban leisure, as their identity aspects, mainly, when there the mutual recognition between young people and the construction their identity as part of the social movement that establishing ideologies linked to the poor periphery and those the socially excluded. In this way, we will analysing the forms of sociability – both for the relations in presence as in the Internet –, the urban culture influences and the organization forms of geographic space within the building process and appropriation of urban centrality by Hip-hop movement in the city of Macaé, Rio de Janeiro. Estimate that the intertwining of relationships mediated by Internet with those presential relationships it is a dialectically contradictory form of production of urban space and the city, as well as a joint tool of Hip-hop movement, which makes possible the meetings, festivities and development and dissemination of the group's ideology. Thus, the urban centrality are appropriate and reinforced by Hip-hop movement in Macaé, at the same time, they consolidate their own social movement in the city and on the networks mediated by the Internet.

KEY-WORDS: MC's battles; urban centrality; virtual social network..

Recebido em: 17/11/2015

Aceito em: 20/11/2017

¹ Universidade Federal Fluminense – UFF, Campos dos Goytacazes/RJ, e-mail: thaisdiassouza@hotmail.com

² Universidade Federal Fluminense – UFF, Campos dos Goytacazes/RJ, e-mail: antonio_h_bernardes@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O Hip-hop surgiu nos guetos da cidade de Nova York entre as décadas de 1960 e 1970 como um movimento cultural urbano. Embora tenha ganhado notoriedade nos Estados Unidos da América, o Hip-hop foi criado e desenvolvido, tanto por sua musicalidade – Rap –, assim como, como movimento cultural, na Jamaica por Kool Herc.

A partir das iniciativas do DJ (Disc Jockey) Herc, houve o desenvolvimento das festas de rua na cidade de Nova York, Estados Unidos da América, com equipamentos sonoros, às denominadas sound-systems. Assim, o Hip-hop “conta com uma variedade musical, oral e com formas de danças e práticas afro caribenhas e afro-americanas numa sociedade mais abrangente que raramente reconhece o significado da diáspora africana em tais práticas.” (ROSE, 1997, p.193).

A partir disso, o DJ Afrika Bambaata, desenvolve certas concepções dessas festas ao introduzir ideias vinculadas aos direitos sociais e a questão dos negros. “O termo hip hop, que significa, numa tradução literal, movimentar os quadris (to hip, em inglês) e saltar (to hop), foi criado pelo DJ Afrika Bambaataa, em 1968, para nomear os encontros dos dançarinos de break, DJs (disc-jóqueis) e MCs (mestres-de-cerimônias) nas festas de rua no bairro do Bronx, em Nova York.” (ROCHA; DOMENICH; CASSEANO, 2001, p. 17).

Considerando que o movimento Hip-hop é gestado no atual período de globalização, ele se difundiu e se especializou rapidamente pelo mundo. Souza (2004, p.69) argumenta que “o Hip-hop se disseminou para outras áreas, obtendo força principalmente nos centros urbanos que apresentam uma deficiente infraestrutura sócio urbana”. O Hip-hop chega ao Brasil juntamente com os filmes e aos programas de televisão que lhe fazem referência. A cultura Hip-hop ganha novas dimensões e passa a ser caracterizada no Brasil, primeiramente, pelos bailes de música negra na cidade do Rio de Janeiro e, posteriormente, no fim da década de

1970, pelos denominados Bailes Black. Segundo Pimentel (1998, p.14) “o Hip-Hop não custou a chegar ao Brasil. Em 1982, a juventude da periferia já dançava o break e ouvia os primeiros raps. Isso porque desde os anos 70, na periferia das grandes cidades do país, eram comuns os bailes black, com muito soul e funk.”

Em linhas gerais, se pode afirmar que o movimento Hip-hop se caracteriza como um movimento cultural urbano juvenil que possui como uma de suas principais características a luta pelos direitos sociais de jovens das periferias das cidades, dos negros e a contestação quanto às desigualdades sociais por meio da música (Rap), da dança (Break) e da expressão pictórica (Grafite).

O hip hop deu voz às tensões e às contradições no cenário público, urbano, durante um período de transformação substancial de Nova York, e tentou apossar-se do sinuoso terreno urbano a fim de torná-lo funcional para os desabrigados. [...] o hip hop tentou negociar as condições da nova economia e tecnologia, bem como das novas formas de opressão de raça, gênero e classe na América urbana, ao apropriar-se das fachadas dos metrô, das ruas públicas, da linguagem e da tecnologia do sample. (ROSE, 1997, p.193).

É nesse contexto que ocorreu a discussão acerca do Hip-hop na cidade de Macaé, como uma cultura, uma identidade juvenil e um movimento social urbano que é complexo, cambiante, contraditório e heterogêneo que se apropria de locais na cidade, produz e, ao mesmo tempo, reforça centralidades urbanas. Trata-se de uma forma dialeticamente contraditória de produção do espaço urbano e da cidade, ainda mais quando consideramos que as articulações entre os sujeitos que constituem movimento Hip-hop na cidade de Macaé utilizam as redes sociais virtuais – ou seja, aquelas mediadas pela Internet – como meio de comunicação, divulgação e para

SOCIABILIDADE E IDENTIDADE HIP-HOP NA CIDADE DE MACAÉ, RIO DE JANEIRO

marcar seus encontros, destacadamente, o Facebook.

O objetivo geral desta pesquisa foi descrever, interpretar e analisar as dinâmicas e as relações dos jovens com o movimento Hip-hop na cidade de Macaé, assim como, o seu modo de apropriação do espaço urbano, sua diferente forma de representação e como esta dinâmica social pode reforçar as áreas que exercem centralidade urbana de lazer.

Para isso, a metodologia de pesquisa parte da pré-seleção das áreas centrais da cidade de Macaé que tenham batalhas de MC's. Contudo, levamos em conta somente aquelas que possuem a infraestrutura de rede de Internet e de telefonia móvel celular, as quais possibilitam as relações eletrônicas. Adotou-se a pesquisa bibliográfica sobre Hip-hop, Geografia cultural, os conceitos de centralidade urbana, relações de interface, territorialidade e, também, informações sobre a Geografia e economia de Macaé. Realizamos a observação sistemática e participativa, assim como, entrevistas para que possamos entender como a territorialidade Hip-hop pode ser fomentada pelas relações eletrônicas, oferecendo-nos elementos para o entendimento da produção e/ou reforço da centralidade urbana de lazer juvenil através das relações de interface.

Desse modo, podemos afirmar que as centralidades urbanas são apropriadas e reforçadas pelo movimento Hip-hop em Macaé, ao mesmo tempo, em que consolidam o próprio movimento social na cidade de modo imbricado com as articulações desenvolvidas e mediadas pelas redes sociais virtuais.

2. MATERIAIS E MÉTODO

O desenvolvimento da metodologia de pesquisa teve como base empírica o estudo de dois coletivos – conjunto de pessoas que possuem interesses em comum e que buscam um mesmo objetivo – ligado ao movimento Hip-hop, a saber: Roda cultural de Macaé e o Culturap. Esses coletivos utilizam espaços públicos na área central da cidade para realização de suas manifestações culturais e de lazer que são, em

muito, engendradas pelas redes sociais virtuais, notadamente, como uma ferramenta de promoção de seus eventos e conscientização dos jovens.

Foram realizados trabalhos de campo no período de novembro de 2013 a abril de 2015, priorizando a observação sistemática e participante. A primeira teve como finalidade a identificação, o entendimento e o mapeamento das áreas que exercem centralidade urbana e que foram apropriadas pelo movimento Hip-hop. A segunda teve como finalidade o entendimento das dinâmicas dos sujeitos ligados ao movimento, a forma com que estabelecem as relações e a importância das redes sociais virtuais para a promoção das atividades culturais e de lazer.

Partindo da observação sistemática em direção àquela participante foi possível adentrar e participar dos grupos de Hip-hop para poder, além de entendê-los, interpreta-los e emergir no conjunto de significados e ideologias que os sujeitos cambiam entre si e o modo como se apropriam de locais na cidade de Macaé.

Além do mais, foi realizada a observação sistemática de fanpages de modo concomitante a pesquisa in loco, destacadamente, nas batalhas de MC's. Sendo utilizados dois softwares livres para produzir um grafo que representasse as relações sociais entre os sujeitos integrantes do movimento Hip-hop – NodeXL e Ghephi.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. O HIP-HOP E A IDENTIDADE JUVENIL

No Brasil o jovem negro, cabelo black, roupas despojadas e indo para um Baile Black dançar Funk e Soul foram umas das primeiras manifestações identitárias do Hip-hop.

O movimento Black Rio promoveu o resgate da identidade negra brasileira nos anos 70, difundindo as ideias do black power nos bailes da época. O grupo de nome homônimo ao movimento também criou sons diferentes, adaptando batidas brasileiras ao funk e ao soul, e inspirou afro-brasileiros de outros estados do

SOCIABILIDADE E IDENTIDADE HIP-HOP NA CIDADE DE MACAÉ, RIO DE JANEIRO

país, principalmente de São Paulo. (ROCHA; DOMENICH; CASSEANO, 2001, p.130).

A promoção e a expansão do Hip-hop no Brasil são concomitantes a sua emergência e destaque em nível global como movimento sociocultural, sendo considerado um dos principais difusores da identidade e cultura negra pelo mundo. Nos Estados Unidos da América, a música teve papel importante na construção de ideologias dos jovens negros e a sua difusão em nível global ocorreu a partir da década de 1960, associada a identidade Black, proveniente da Soul music.

No Brasil, é possível afirmar que um dos propulsores de difusão da identidade negra está associado aos Bailes Black que começaram nas periferias pobres carioca, em que os jovens se reuniam para dançar Funk, Soul e Charme. A partir da década de 1980 esses ritmos musicais ganharam repercussão nacional e a identidade Black passa a ser desenvolvida e consolidada juntamente com a organização de eventos culturais negros pelas cidades brasileiras, sejam objetivando a sociabilidade e/ou a construção de identidades dos jovens negros das periferias pobres das cidades.

A pluralidade da música negra e a cultura dos jovens pobres caracterizaram de forma expressiva o Hip-hop carioca. O surgimento do Funk carioca e dos Bailes de Charme foram fenômenos importantes para a consolidação de uma identidade negra carioca. Este último foi de grande importância para o surgimento do Hip-hop na cidade do Rio de Janeiro, porque seus adeptos posteriormente se identificariam com a cultura Hip-hop.

O Baile Charme não representou o espaço de conflitos e hostilidades, mas de oportunidades de tecer novas redes de sociabilidades com jovens de outros pedaços ³da cidade (MARTINS, 2005, p.09).

Destarte, pode-se inferir que os Bailes se tornaram os primeiros locais de encontro dos integrantes do movimento Hip-hop na cidade do Rio de Janeiro no final da década de 1980 e no decorrer da década de 1990. Eles surgiram num contexto de violência a jovens negros pobres, sendo esse um dos elementos que suscitou os sujeitos do movimento a se articularem para reivindicarem suas necessidades.

O movimento hip-hop no Rio nasce durante o ano de 1993, o ano das chacinas que horrorizaram o mundo. O assassinato dos adolescentes e crianças em situação de rua nos mês de julho na Candelária, centro da cidade. O massacre um mês e meio aos dos índios Yanomamis no norte do país, a chacina de pessoas em Vigário Geral comunidade do subúrbio além de outros crimes anônimos. (VILELA, 2002, p.69)

Os encontros dos sujeitos do movimento eram principalmente em clubes como, por exemplo, o Disco Voador, em Marechal Hermes, e embaixo do Viaduto Negrão de Lima, em Madureira. Ambos são bairros pobres da periferia carioca que se tornaram palco do Hip-hop. Nos Bailes Charme, a modalidade mais presente é a dança, porém, como seus adeptos se identificaram com a cultura Hip-hop, não demorou para que surgissem os MC's cariocas e com eles o Rap.

O Rap passou, também, a desempenhar um papel importante para a construção da identidade Hip-hop, pois se colocou como uma ferramenta de socialização e conscientização dos jovens ao versar acerca da vida juvenil, das desigualdades sociais e das questões raciais nas periferias das cidades. Nesse sentido, "[...]

Hip-Hop em metrópoles brasileiras, que o define como "[...] aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade." (MAGNANI, 2000, p.32).

³ Destaca-se que a concepção de pedaço desenvolvida por Magnani (2000, p.32) o é como termo nativo, ou seja, corroborado a partir da interlocução com os sujeitos pesquisados, no caso, os jovens vinculados ao movimento

SOCIABILIDADE E IDENTIDADE HIP-HOP NA CIDADE DE MACAÉ, RIO DE JANEIRO

escolher identidades em meio à multiplicidade no meio urbano é também escolher espaços de sociabilidade, é instituir uma territorialidade em rede que articula aqueles espaços em que se manifesta a identidade eleita, é, portanto, inserir-se no processo múltiplo de construção de identidades individuais, coletivas e de lugares.” (TURRA NETO, 2004, p.272).

O ritmo, as letras e a sonoridade do Rap não pretendem criar uma idealização utópica de mundo para os jovens, elas narram a realidade vivida pelos pobres nas periferias. Eles entendem o Rap como uma forma expressarem seus sentimentos e uma forma de expor suas contradições vividas, sendo estes um dos elementos que as tornaram significativas aos jovens.

O Rap é a expressão artística que mais atraiu os jovens para o movimento Hip-hop. É por meio do Rap que o discurso dos “invisíveis” – pessoa ou grupo social que são excluídos socialmente – é passado em forma de música. As inquietações dos bairros periféricos são expostas pelos seus versos e rimas contundentes e marcantes.

Herschmann (1997, p.194) afirma que o Hip-hop combinou elementos do discurso, da música, da dança e da exibição para, por meio de performances, dar vida as novas identidades e posições dos sujeitos. A identidade Hip-hop é construída no âmbito social através das transformações da realidade em que os negros vivem nas periferias das cidades e é produzida de forma coletiva dentro do movimento.

Tomando como parâmetro a assertiva de Hall (2003, p.343) quanto as identidades de modo geral, podemos considerar que a identidade cultural negra dentro do Hip-hop trouxe para seus sujeitos: “[...] inovações linguísticas na estilização retórica do corpo, a formas de ocupar um espaço social alheio, a expressões potencializadas, a estilos de cabelo, a posturas, gingados e maneiras de falar, bem como a meios de constituir e sustentar o companheirismo e a comunidade.”.

A construção dessas identidades ocorreu pela apropriação dos jovens de símbolos e signos

que caracterizam o movimento Hip-hop, ou seja, o Rap, o break e os grafites, assim como, as roupas, o modo de gesticular e andar, tatuagens e cortes de cabelos. Estes símbolos e signos são associados aos sujeitos e esses a Hip-hop. O corpo expressa a cultura Hip-hop e esta também é vista como uma forma de resistência e contestação às culturas hegemônicas, ou seja, se trata de uma das formas dos jovens exteriorizarem para o mundo, através da corporeidade, a sua cotidianidade que é negligenciada pelas elites.

3.2. O HIP-HOP COMO “ESPAÇO” DE SOCIABILIDADE

A cidade é o loco que os sujeitos do movimento Hip-hop vivem, habitam, se apropriam, produzem e reproduzem, dialeticamente, seu modo de ser e o modo de ser cidadão. O Hip-hop nasce como um movimento social urbano e possui seus fundamentos na urbanidade.

A cidade é a feição objetiva e material do espaço urbano. Este, por sua vez, é engendrado, dialeticamente, pelos interesses e necessidades dos sujeitos sociais, instituições, setores populares, movimentos sociais, proprietários de terras, incorporadores imobiliários, Estado etc., criando-se nela diferentes territorialidades.

A complexidade das cidades possui como um dos seus principais fundamentos as diferentes relações sociais que nelas são desenvolvidas na cotidianidade. Cavalcanti (2007, p.25) argumenta que a cidade é um espaço “de contato, de resistência e de exclusão, em que há a manifestação de diferentes percepções, usos, culturas e aspirações de distintos grupos, em seus espaços públicos e privados”. Em sentido, similar, mas atribuindo relevo aos sujeitos da e na cidade, Turra Neto (2008, p.464) afirma que nas trajetórias dos sujeitos traçam espacialidades, produzem conexões, formam redes de sociabilidade, desenham trajetos e fundam territórios.

As diferentes formas de apropriação de locais na cidade desenvolvem territorialidades

SOCIABILIDADE E IDENTIDADE HIP-HOP NA CIDADE DE MACAÉ, RIO DE JANEIRO

distintas, contudo não só pelos aspectos materiais e sim, também, pelos aspectos simbólicos. Haesbaert (2004, p.79) define isto como múltiplas territorialidades, ou seja, “o território pode ser concebido a partir da imbricação de múltiplas relações de poder, do poder mais material das relações econômico-políticas ao poder mais simbólico das relações de ordem mais estritamente cultural”.

As múltiplas territorialidades são desenvolvidas pela dialética das relações de poder em distintas escalas, daquelas relações econômico-políticas àquelas simbólicas. Desse modo, as espacialidades urbanas produzidas pelos sujeitos, instituições e agentes sociais acarretam numa complexidade de processos que “desenham” a cidade. Dessas diferentes dimensões, foi atribuído relevo as dinâmicas e as territorialidades dos sujeitos sociais, especificamente, aos jovens que se apropriam dos espaços urbanos e desenvolvem um modo de vida específico e objetivam e materializam suas ações nas cidades desenvolvendo territorialidades pela apropriação dos locais. Dayrell (2001, p.147) afirma que os jovens “se apropriam dos espaços, que a rigor não lhes pertencem, recriando neles novos sentidos e suas próprias formas de sociabilidade”.

Nesse sentido, se faz notório que determinados grupos juvenis se apropriam de certos espaços da cidade dotando a eles características novas e significação dentro de seus grupos, como, no nosso caso, os sujeitos do movimento Hip-hop. Eles se apropriam dos espaços através de suas práticas espaciais e formam redes de sociabilidade na cidade.

Para Dias (2012, p. 3) “a sociabilidade é uma forma de associação onde às pessoas se reúnem porque querem estar juntas, porque querem ter um momento sociável, sem quaisquer objetivos para além disso.”. Nesse viés, Turra Neto e Bernardes (2013, p.6) consideram que a sociabilidade é “uma reunião social com fim em si mesma, ou seja, os sujeitos participam dela pelo simples prazer que a reunião proporciona.”.

Para o presente estudo, entende-se que a interação dos sujeitos do movimento Hip-hop na cidade de Macaé produz uma sociabilidade entre esses jovens. A sociabilidade acarreta no sentimento de pertencimento dos sujeitos aquele grupo, a sensação de bem-estar e a vontade de compartilhar experiências, além da afetividade entre seus integrantes. Segundo Cetrulo (1999, p.17) “o sentimento de estar se relacionando com outras pessoas e estar tendo prazer com esse relacionamento. Deve ser um sentimento de satisfação, de prazer, por estar integrado a um grupo com o objetivo exclusivo de gozar a relação com outras pessoas.”.

Percebe-se que é a partir da sociabilidade que os sujeitos do movimento Hip-hop produzem sua territorialidade e se apropriam de certos locais na cidade. A produção desses espaços de sociabilidade e, concomitantemente, a construção da territorialidade possibilita a esse grupo juvenil usufruir mais intensamente esses espaços na cidade.

3.3. O MOVIMENTO HIP-HOP NA CIDADE DE MACAÉ

3.3.1. CENTRALIDADE URBANA E O MOVIMENTO HIP-HOP

A identificação dos locais que exercem significativa centralidade urbana na cidade de Macaé foi outra dimensão considerada para a realização dessa pesquisa. Inicialmente, ela ocorreu por meio da observação sistemática de fanpages e grupos de discussão vinculados ao movimento Hip-hop de Macaé pelo Facebook, posteriormente, por meio de atividades de campo, em que a observação sistemática, participante e a realização de entrevistas foram norteadoras. Contudo, nesse ponto da discussão cabe a seguinte questão: porque considerar os locais que exercem significativa centralidade urbana para o estudo do movimento Hip-hop? A princípio, toma-se a seguinte assertiva Lefebvre (1999, p.108):

SOCIABILIDADE E IDENTIDADE HIP-HOP NA CIDADE DE MACAÉ, RIO DE JANEIRO

Descobrimos o essencial do fenômeno urbano na centralidade. Mas na centralidade considerada como o movimento dialético que a constitui e a destrói, que a cria ou a estiliza. Não importa qual ponto possa se tornar central, esse é o sentido do espaço-tempo urbano. A centralidade não é indiferente ao que reúne, ao contrário, pois ela exige um conteúdo. E, no entanto, não importa qual seja o conteúdo.

Um dos principais elementos a ser considerado para o entendimento do espaço urbano são os locais que exercem centralidade. Nele, pode haver a atração ou repulsão de atividades econômicas, sociais, políticas e culturais de acordo com suas características. Em outras palavras, como “a centralidade não é indiferente ao que reúne” (Ibidem), o seu conteúdo pode atrair determinadas atividades, ao mesmo tempo em que repele outras. Trata-se de uma dialética atinente as centralidades urbanas e ao espaço urbano.

Em nosso caso, as atividades desenvolvidas pelo movimento Hip-hop (Break, Grafite, batalha de MC's) em Macaé tendem a se apropriar de locais centrais em determinados dias da semana e em horários muito específicos. O local mais comum para o encontro é o centro da cidade. O centro da cidade de Macaé é onde há o entroncamento das principais linhas de transporte público, a concentração das atividades de comércio e serviços e possui um caráter simbólico, porque é histórico.

A apropriação do movimento Hip-hop na área central de Macaé indica não só uma forma de contestação quanto às desigualdades socioeconômicas e espaciais, mas também a tentativa de modificação da cidade em um espaço diversificado e politizado. A ideologia Hip-hop caracteriza seus seguidores e atribuem seus significados em determinado local que exerce significativa centralidade urbana.

O Hip-hop busca se apropriar do espaço urbano pelas áreas que exercem centralidade, principalmente, pelo viés simbólico e

sociocultural. Esse movimento reforça a centralidade e, ao mesmo tempo, busca resignificá-la como uma centralidade urbana de lazer. Esse tipo de centralidade é entendido como algum local demarcado que reúne a prática de determinada atividade, reunindo pessoas que não tem acesso ao lazer em outras áreas da cidade. De acordo com Mascarenhas (2000, p.58) a temática lazer passou a merecer mais atenção da Geografia urbana brasileira quando se faz uma reflexão acerca da problemática urbana, destacando-se as possibilidades de apropriação da cidade.

Deste modo, não se pode considerar que as centralidades urbanas vinculadas ao lazer, notadamente, aquelas do movimento Hip-hop, são estritamente marcadas e deliberadas pela lógica comercial, ou melhor, não é somente por ela condicionada. Deve-se considerar, também, seu caráter mais fluído, tendo como parâmetro a sociabilidade entre os sujeitos que fomentam o movimento, pois “aquí ou ali, uma multidão pode se reunir, objetos amontoarem-se, uma festa ocorrer, um acontecimento, aterrorizante ou agradável, sobrevir. Daí o caráter fascinante do espaço urbano: a centralidade sempre possível.” (LEFEBVRE, 1999, p.121).

Acorda-se com a assertiva de Lefebvre, de maneira especial, quando é abordada a centralidade pelas relações vinculadas ao consumo do lazer e atividades socioculturais, como no caso do Hip-hop. A centralidade é “sempre possível”, pois “não existem lugares de lazer, de festa, de saber, de transmissão oral ou escrita, de invenção, de criação, sem centralidade” (LEFEBVRE, 1999, p.93). Contudo, deve-se considerar que ambos os modos de entender as centralidades urbanas não se excluem, combinam-se dialeticamente. Mesmo aqueles eventos em que há a reunião de pessoas para o exercício de determinada atividade, não exclui o fato de eles ocorrerem num local carregado de intencionalidades, pois a própria cidade como uma construção social é intencional. No limite, não se pode deixar de considerar que os espaços que exercem certa centralidade são toponímias de referência para a reunião de

SOCIABILIDADE E IDENTIDADE HIP-HOP NA CIDADE DE MACAÉ, RIO DE JANEIRO

pessoas e objetos, isto já denota certa centralidade e intencionalidade.

A diferença entre ambas as concepções reside no fato de que a centralidade mais fluída e ocasional pode não ser explicitamente deliberada, mas, o simples fato de ocorrer no espaço urbano já indica sua condição. Ela é determinada e determinante, pois é uma forma objetiva e material das contradições urbanas. Entende-se que é justamente essa contradição que o movimento Hip-hop busca explorar para suas contestações sociais.

A apropriação e tentativa de ressignificação de áreas centrais na cidade de Macaé pelo movimento Hip-hop não se trata de um fenômeno recente. Nos idos da década de 1990, influenciado pelo Rap norte-americano, os skatistas da cidade começam a trazer a musicalidade para as ruas e versar sobre as suas vivências e a se apropriar das praças do centro de Macaé. Nessa época, início da “corrida pelo ouro negro”, a contestação e questionamentos levantados pelo movimento destoava das potencialidades que atribuíam a cidade, com isso o movimento Hip-hop perdeu sua força.

Na década de 2000, Macaé, já possui consolidada diversas atividades econômicas relacionadas ao petróleo e, com forte crescimento populacional e urbano, há o surgimento de muitas áreas periféricas e um forte processo de favelização. Um município que décadas atrás se tratava de uma pequena vila de pescadores se torna uma cidade média (SPOSITO, 2004), passando a ter uma população estimada de 206.748 habitantes (MACAÉ, 2013) e, sobretudo, ganhando destaque na rede interurbana e na Região Norte Fluminense, Estado do Rio de Janeiro, por polarizar e concentrar atividades econômicas e de gestão do território, notadamente, aquelas vinculadas a economia do petróleo. É somente neste contexto que os questionamentos levantados pelo movimento Hip-hop quanto às desigualdades socioeconômicas e espaciais passam a fazer maior sentido para os cidadãos macaenses, tanto, que nos idos do ano de 2008 é realizada a

primeira batalha de MC's na cidade pelo Coletivo Culturap.

Atualmente, o Coletivo Culturap promove eventos de Hip-hop em centros comunitários, escolas, praças e nas ruas das periferias macaense. Nesses eventos há debates sobre cidadania, conscientização política, manifestações culturais e diferentes formas de contestação por meio da utilização da arte. Eles ocorrem, principalmente, no centro da cidade e nas periferias mais distantes.

Em 2010, as batalhas de MC's eram realizadas de forma itinerante, circulando pela área central da cidade e em alguns bairros periféricos. Desse modo, as pessoas de diversos pontos da cidade poderiam participar e conhecer mais sobre o movimento Hip-hop. Pouco tempo depois, as Batalhas de MC's foram proibidas pelo poder público local sob a alegação que não se tratava de uma manifestação cultural urbana e sim uma forma dos jovens fazerem uso de entorpecentes. Com essa proibição, os MC's macaenses articularam uma nova Batalha de MC's no Calçadão do Centro da cidade. As batalhas ganharam visibilidade entre os jovens e o Calçadão não suportou a quantidade de pessoas que se reuniam. Assim, os organizadores do evento a realocaram na Praça Washington Luiz, também na área central de Macaé.

É na Praça Washington Luiz que o movimento se consolidou e começou a atrair ainda mais pessoas. Todas as quintas-feiras pela noite a Roda Cultural de Macaé (nome dado às batalhas de MC's) se apropriava da Praça central da cidade e transformava todas as inquietações dos jovens em letras de Rap, além de ser um local para a sociabilidade dos MC's, b.boys e b.girls e grafiteiros.

A Roda Cultural era um evento público, gratuito, em forma de sarau, com música, skate, basquete, grafite e outras modalidades da cultura Hip-hop. Ela foi promovida pelos rappers macaenses e fez parte do CCRP (Circuito Carioca de Rima e Poesia) – importante rede independente de produção cultural da cidade do Rio de Janeiro. Os organizadores afirmam que o evento possuía bastante credibilidade entre os

SOCIABILIDADE E IDENTIDADE HIP-HOP NA CIDADE DE MACAÉ, RIO DE JANEIRO

jovens e entre os rappers, pois eles associavam suas vidas às letras de Rap e passam a perceber o território Hip-hop como parte de suas vidas, assim, construindo uma identidade com o movimento.

Especificamente, quanto à formação da identidade juvenil, Dayrell (2002, p.119) argumenta que:

O mundo da cultura aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais no qual os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil. Longe dos olhares dos pais, professores ou patrões,

assumem um papel de protagonistas, atuando de alguma forma sobre o seu meio, construindo um determinado olhar sobre si mesmo e sobre o mundo que os cerca.

A Roda Cultural era o evento mais diversificado e mais popular entre os jovens de Macaé. A pluralidade de sujeitos que compareciam a Roda era vista como um diferencial e o objetivo dos organizadores era conquistar a maior quantidade de jovens possível e inseri-los em um ambiente cultural por meio do pensamento crítico das rimas de Rap).

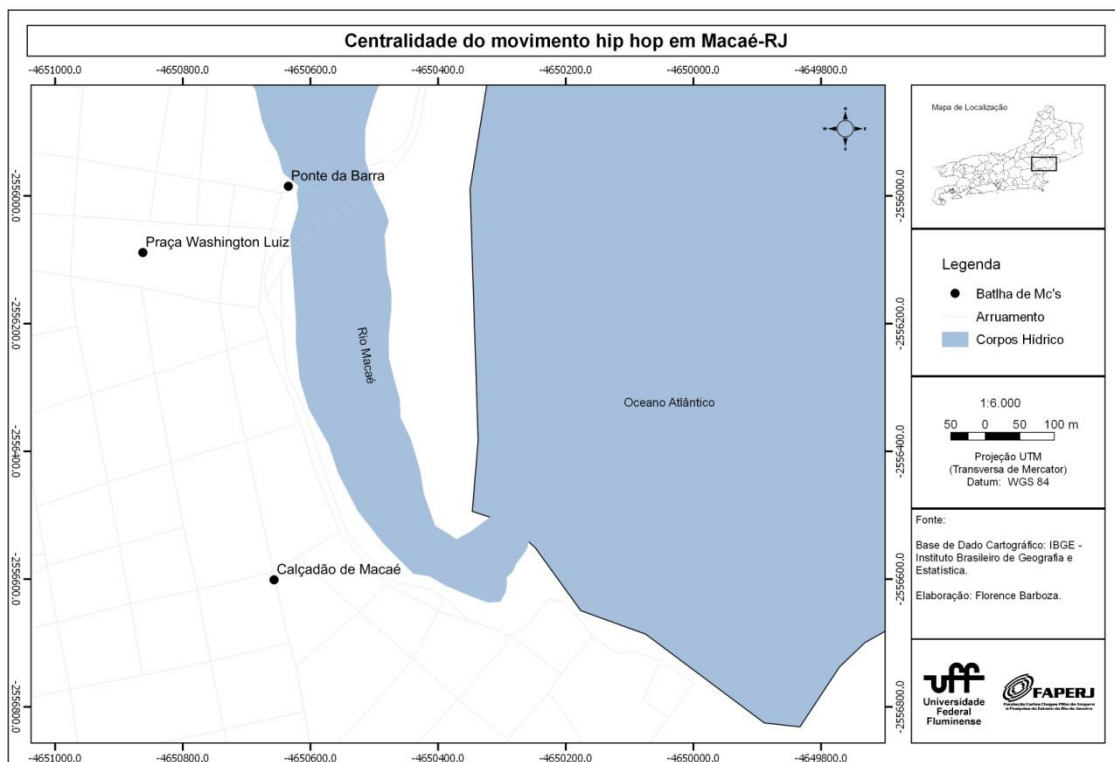


Figura 01 - Centro de Macaé e Apropriações do Movimento Hip-Hop

Com uma área aproximada de 360 km², o A Roda Cultural de Macaé aconteceu por dois anos (2012 e 2013) e seu último evento teve participação de aproximadamente 400 pessoas, segundo os organizadores. Após esse evento o poder público local embargou a Roda Cultural sob a alegação que se tratava de evento transitório e que concentrava muitas pessoas na Praça, com

som alto e venda de bebidas alcoólicas sem o consentimento e autorização da Prefeitura. Portanto, para que acontecessem as rodas seria necessária a autorização de um órgão público.

Os MC's conseguiram apoio do vereador Marcel Silvano – que segundo os organizadores da Roda é um político ligado à promoção da cultural – para conseguir o alvará para que

SOCIABILIDADE E IDENTIDADE HIP-HOP NA CIDADE DE MACAÉ, RIO DE JANEIRO

houvesse a continuação do evento. O vereador também recebeu apoio do até então presidente da Fundação Macaé de Cultura (FMC), Juliano Tannus da Fonseca, para que a Roda Cultural retornasse o mais breve possível. O coletivo Culturap ajudou os MC's e elaborou a documentação para conseguir o alvará do evento, porém o documento ainda está em trâmites jurídicos sem previsão de análise.

O coletivo Culturap mediante a proibição da Roda Cultural dialogou com outros dois coletivos de cultura urbana na cidade de Macaé, o Unidade Sound System e a Associação Macaense de Rock, e acabaram por realizar um festival de 12 horas de duração com os elementos do movimento Hip-hop, esportes, skate, bike e palcos para bandas da cena underground da cidade. Pela união desses três coletivos da cultura urbana macaense nasceu o Festival You Live – o nome se dá em homenagem ao grafiteiro Yury Luís Alves Neves, que fez parte do coletivo Culturap, assassinado no ano de 2012 enquanto grafitava em Macaé.

O local escolhido para o evento foi o Parque da Cidade, que foi destinado desde sua construção para a promoção da cultura urbana macaense, porém, o parque se trata de uma área abandonada pelo poder público e ficou entregue a marginalidade. Após a realização do primeiro Festival You Live, tido como um sucesso para seus organizadores, os participantes do evento e críticos ligados à cultura solicitaram que o Parque da Cidade se tornasse um local fixo a ser utilizado pelos jovens e pelos Coletivos de cultura macaenses. Essa solicitação ainda tramita pela Câmara dos vereadores e, enquanto essa questão não é resolvida, os coletivos se articulam pela cidade em parceria com rappers para promoverem batalhas de MC's e dar continuidade aos seus projetos de inclusão social e ações de cidadania nas periferias da cidade.

Atualmente, há uma nova forma de resistência do movimento Hip-hop na cidade de Macaé. Os MC's começaram a mobilizar pessoas na Praça Washington Luiz, a mesma praça de outrora, mas com um novo evento de rima, sem os aparatos eletrônicos e com o intuito que o Rap

continue sendo forma de expressão dos jovens. Em parceria com as pessoas que praticam slackline ⁴resolveram juntar a prática do esporte e as rimas de Rap. O primeiro encontro do “Rap + slackline” foi considerado um sucesso entre os participantes. Porém, sem a presença de um DJ e de aparatos sonoros eletrônicos o “Rap + slackline” foi aos poucos perdendo significativamente seu público.

Como não podem promover festividades ligadas ao movimento Hip-hop na Praça Washington Luiz, os MC's se reorganizam pela área central da cidade com o intuito de prosseguir com as Batalhas de MC's e para que o movimento Hip-hop não esmoreça. Assim, dois eventos com Batalhas de MC's foram organizados: o Rap da Ponte, que ocorre embaixo da Ponte da Barra de Macaé, Centro, todas as quintas-feiras pela noite, composto de batalha de MC's, apresentações de grupos locais e DJs; e, a Roda Urbana, que ocorrem quinzenalmente às sextas-feiras no Calçadão do centro de Macaé, evento composto de batalha de MC's, duelos de break, grafiteiros e DJs.

3.3.2. A TERRITORIALIDADE HIP-HOP E AS RELAÇÕES DE INTERNET

Desde o surgimento do movimento Hip-hop em Macaé, na década de 1990 até os dias atuais, ocorre a apropriação de diferentes locais na cidade, assim como a tentativa de desarticulação do movimento pelo poder público local com a proibição dos eventos organizados pelo movimento. A medida que o movimento se apropriava e se territorializava em certo local, que possui significativa centralidade na cidade, o poder público o embargava e, assim, o impelia para que se reorganizasse e se apropriasse de outros locais e se constituísse novas territorialidades. Esse fenômeno pode ser interpretado e entendido pelos conceitos de desterritorialização e reterritorialização que,

⁴ *Slackline* é um esporte de equilíbrio sobre uma fita de *nylon*, estreita e flexível, praticado geralmente a uma altura de 30 cm do solo. Sua origem vem da escalada, se popularizando como treino de equilíbrio.

SOCIABILIDADE E IDENTIDADE HIP-HOP NA CIDADE DE MACAÉ, RIO DE JANEIRO

segundo Haesbaert (2004, p.127) “os territórios sempre portam dentro de si vetores de desterritorialização e de reterritorialização. Muito mais do que uma coisa ou objeto, o território é um ato, uma ação, uma re-ação, um movimento (de territorialização e desterritorialização), um ritmo, um movimento que se repete e sobre o qual se exerce um controle.”.

Esses conceitos desenvolvidos por Haesbaert instrumentalizam a discussão e possibilita entender que conforme os Coletivos ocupam certo local com suas atividades, territorializam-se. Ao terem o local e a atividade embargada pelo poder público há a sua desterritorialização, ao mesmo tempo, pela desterritorialização, reterritorializam-se quando se apropriam de um novo local na cidade.

Contudo, os locais que o movimento Hip-hop se territorializava na cidade de Macaé não são inertes, pois já são apropriados e indicam uma territorialidade anteriores ao movimento, o que deflagra o conflito fundamentado nas relações de poder. Sobretudo, porque são locais que possuem significativa centralidade e importância econômica, social e simbólica, ou seja, possuem um conjunto de territorialidades bem consolidadas. A territorialidade dos comerciantes, dos transeuntes, das empresas, das instituições e, principalmente, do poder público. Trata-se de locais em que há múltiplas territorialidades, pois:

Geograficamente falando, não há desterritorialização sem reterritorialização pelo simples fato de que o homem é um “animal territorial” (ou “territorializador”, como afirmou o sociólogo Yves Barel). O que existe, de fato, é um movimento complexo de territorialização, que inclui a vivência concomitante de diversos territórios – configurando uma multiterritorialidade, ou mesmo a construção de uma territorialização no e pelo movimento. (HAESBAERT, 2007, p.20)

A organização, articulação e formas de apropriação dos locais que exercem significativa centralidade urbana na cidade de Macaé pelo movimento Hip-hop não só denota que há a multiterritorialidades, mas, também, que há múltiplas territorialidades. Em outras palavras, não há somente áreas que são apropriadas, territorializadas e identificadas como de certos grupos, sujeitos sociais ou instituições, mas também há a imbricação de diferentes territorialidades desenvolvidas pela dialética das relações de poder em distintas escalas, desde as relações econômico-políticas aquelas simbólicas. Desse modo, pode-se afirmar que o movimento Hip-hop, sob as suas diferentes formas de territorialização, contribuiu para essa espécie de amálgama territorial de alguns locais em áreas centrais da cidade de Macaé.

Por outro lado, o constante processo de reterritorialização do movimento Hip-hop na cidade de Macaé levou ao desenvolvimento de mecanismos e estratégias para que fosse garantida a sua existência. Baseou-se, principalmente, na articulação entre os sujeitos que pertencem ao movimento desenvolvendo-se uma rede com o intuito de produzir um circuito de eventos e de comunicação por meio do uso das redes sociais virtuais.

As relações mediadas eletronicamente foram e é para um dos organizadores das Batalhas de MC's uma das formas de estabelecer os locais de encontros, promover eventos e contextualizar discussões com pautas importantes para o movimento Hip-hop. A difusão do movimento Hip-hop pela Internet consegue alcançar pessoas de diversos pontos da cidade e até mesmo de outras regiões. Ainda, segundo esses organizadores, é por meio das redes sociais virtuais que as Batalhas de MC's ganharam maior visibilidade. A principal ferramenta de divulgação é o Facebook ⁵.

⁵ O Facebook é a rede social mediada pela Internet mais popular no mundo. Ela possibilita o câmbio de diferentes formas mídias de modo instantâneo, o que amplia e, ao mesmo tempo, complexifica os modos de sociabilidade dos seus usuários, dentre eles, os jovens que compõem o movimento Hip-hop na cidade Macaé.

SOCIABILIDADE E IDENTIDADE HIP-HOP NA CIDADE DE MACAÉ, RIO DE JANEIRO

Os frequentadores dos eventos de Hip-hop relatam que fazem uso do Facebook para decidir qual evento ir, além de utilizarem as fanpages e grupos de discussões dos Coletivos para “trocar ideia” sobre assuntos relacionados ao movimento Hip-hop e suas respectivas vivências nele. Nesse sentido, Dayrell (2002, p. 126) afirma que as formas de sociabilidade possuem especificidades, assim como os rituais que constituem cada um desses estilos, ganhando significados próprios para os jovens que deles participam.

A articulação e desenvolvimento das territorialidades entre os sujeitos do movimento Hip-hop macaense, tanto pelas redes virtuais como presencialmente, indica a formação de uma rede, ou melhor, de territórios-rede, em que ela possibilitou a territorialização e, também, a reterritorialização na cidade, ao mesmo tempo, a própria rede definiu uma territorialidade.

Segundo Haesbaert (2004, p. 298) as redes “vistas como componentes dos territórios, [...] podem assim estar a serviço tanto de processos sociais que estruturam quanto de processos que desestruturam territórios. Mas a dinâmica do elemento rede tornou-se tão importante no mundo ‘pós-moderno’ que não parece equivocado afirmar que a própria rede pode torna-se um território.”.

Desse modo, a territorialização do movimento Hip-hop não ocorreu somente de modo objetivo e material por meio das Batalhas de MC's, pelo grafite e pelos eventos destinados ao break ou mesmo para uma Roda em certo local na cidade. Há a territorialidade das redes em que, segundo Simões (2008, p.4), quando o espaço urbano é apropriado física e simbolicamente ele passa a ser transposto para a Internet que, simultaneamente, o descontextualiza e o preserva, dando-lhe um alcance mais amplo.

Uma análise mais acurada das fanpages e grupos de discussão vinculados ao movimento Hip-hop no Facebook revelou certas dinâmicas e as recíprocas influências entre as relações presenciais e aquelas mediadas eletronicamente como um modo de desenvolver territorialidades

na cidade e na rede social virtual. Essa proposta de estudo surgiu quando, no decorrer das atividades de pesquisa e com a participação nos eventos organizados pelo movimento Hip-hop em Macaé, notou-se que as relações presenciais são concomitantes as relações medidas pela Internet. A utilização do smartphone pelos jovens e o acesso constante e simultâneo as redes sociais virtuais permitiram constatar que ao mesmo tempo em que se divulga o movimento e suas ideologias, reforça-se a centralidade urbana territorializada, ou seja, busca-se atrair mais pessoas para certo local onde se realiza o evento.

Foi elaborado um grafo pelo levantamento, sistematização e representação das relações mediadas pela Internet da principal fanpage do movimento Hip-hop macaense, Roda Cultural de Macaé, no intuito de verificar os modos de territorialização em rede dos sujeitos.

Considerou-se para a elaboração do Grafo 1⁶ somente os “comentários” entre os sujeitos da fanpage Roda Cultural e não as “curtidas” e “compartilhamentos”, pois essas duas últimas não se tratam de discussões e sim, respectivamente, de uma espécie de ciência e de divulgação para certa discussão ou mídia compartilhada. Realizou-se o levantamento e sistematização dos dados da fanpage por meio do software NodeXL, uma Template para o Microsoft Excel, e a representação gráfica pelo software Gephi. Ambos se tratavam de softwares livres e open source.

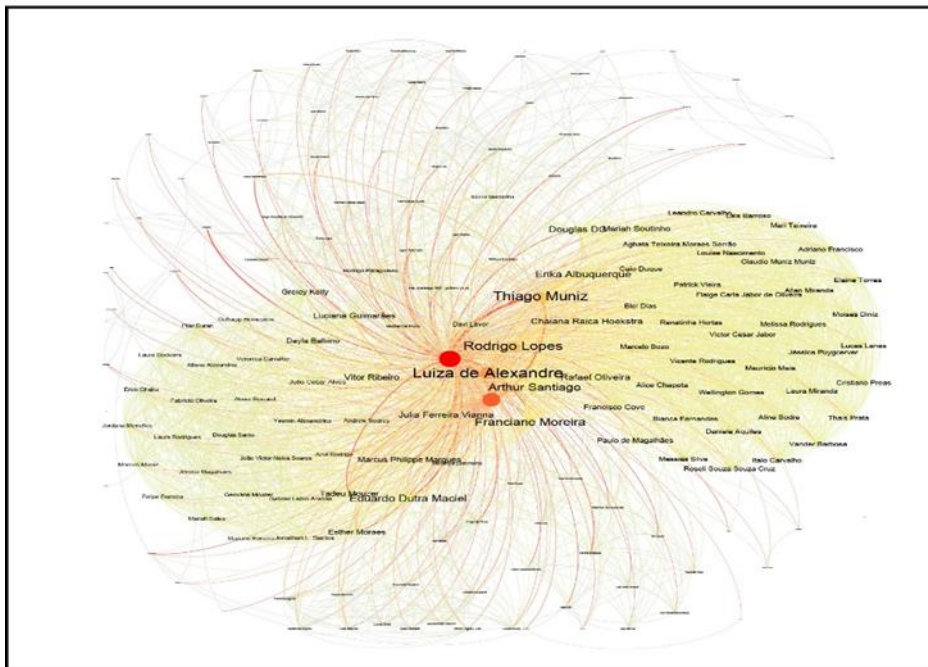
Desse modo, a análise da fanpage permitiu identificar não somente a sua forma de

⁶ Destaca-se que considerando que cada nó da rede se trata de um sujeito, optou-se pela representatividade dos fluxos – arestas – da rede ao invés dos nomes de todos os sujeitos e há uma relação de proporcionalidade para o desenvolvimento do grafo, ou seja, quanto maior representatividade de certo sujeito na rede, maior será o nó e a fonte gráfica que indica seus respectivos nomes. Desse modo, nem todos os nomes dos sujeitos ficaram legíveis no grafo, somente aqueles que possuem grande representatividade. Ademais, indica-se que os nomes dos sujeitos que participam da *fanpage* da Roda Cultural de Macaé são públicos pelo consentimento dos próprios usuários do Facebook no momento em que optam que a sua publicação a seja dessa forma.

SOCIABILIDADE E IDENTIDADE HIP-HOP NA CIDADE DE MACAÉ, RIO DE JANEIRO

territorialização em rede, mas também os principais sujeitos articuladores do movimento Hip-hop na cidade de Macaé e ter a dimensão de suas influências. Pela análise do Grafo 1, quanto maior o nó, maior é a fonte gráfica que indica os nomes dos sujeitos e, quanto mais espessa as arestas, maior o grau de influência e sua importância na rede. Os grupos de sujeitos alocados à direita e à esquerda são aqueles que possuem maior interação entre si e aqueles acima e abaixo possuem menor interatividade entre si e com o grupo. Embora, atualmente, a

principal atividade organizada pela Roda Cultural não esteja acontecendo, Batalha de MC's, na Praça Washington Luiz, esse coletivo articula batalhas de MC's em outros locais da área central de Macaé e sua interação em rede é intensa. Isso denota a sua centralidade e importância na organização de eventos Hip-hop na cidade de Macaé e Região, notadamente, porque se notou que alguns dos sujeitos que pertencem à rede não são da cidade de Macaé e sim da Região Norte Fluminense.



Grafo 01 - Grau De Importância dos Sujeitos na Fanpage da Roda Cultural de Macaé, 2014

Outro ponto que merece destaque se trata da respectiva influência que foi verificada em campo, por meio da observação participativa e sistemática, dos sujeitos ativos na rede social virtual e aqueles ativos in loco na Roda Cultural. Nesse caso, há a correspondência entre ambos, ou seja, os sujeitos mais ativos na fanpage do Facebook são os mesmos em relações presenciais nos eventos. Contudo, destaca-se que nem sempre essa correspondência é verdadeira, como destacado por Turra Neto e Bernardes (2013, p.14).

Destarte, pode-se considerar que quanto maior a rede e maior a influência dos sujeitos que dela participam, mais complexa e mais imbricada se tornam as relações presenciais e aquelas mediadas eletronicamente. Nesse caso, essa imbricação é evidente, principalmente, pela intensa inter-relação entre os seus integrantes e pela organização do próprio movimento. É pela rede social que eles divulgam ideologias e os eventos e reforçam a necessidade de apropriação do espaço urbano e das centralidades urbanas de lazer, especificamente, pela Batalha de MC's. O

SOCIABILIDADE E IDENTIDADE HIP-HOP NA CIDADE DE MACAÉ, RIO DE JANEIRO

internauta do Facebook muitas vezes é o MC's da Batalha, o grafiteiro, o dançarino de break ou mesmo um espectador. Com isso não se pode afirmar que as relações mediadas eletronicamente substituam as presenciais e sim que se imbricam e desenvolvem particularidades. E, contraditoriamente, ao fazê-las, reforçam as centralidades urbanas ao resignificá-las.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo das áreas que exercem centralidades urbanas de lazer foi a que nos aproximou para o entendimento das dinâmicas sociais e as formas de sociabilidade – tanto para aquelas presenciais como para as mediadas pela Internet –, as influências da cultura urbana e as formas de organização no espaço destacando o movimento Hip-hop no Norte Fluminense, mais especificamente, na cidade de Macaé, sua respectiva territorialidade e influência.

Selecionamos Macaé, que é uma cidade média do interior do Estado do Rio de Janeiro, porque é aquela que manifesta com maior intensidade a cultura Hip-hop na Região Norte Fluminense, pois experimentou processos de modificações em diversos setores econômicos e com isso seu espaço urbano se modificou drasticamente nos últimos anos, havendo um forte processo de favelização e acirramento de problemas sociais. Contudo, essas alterações estão relacionadas a uma ampla diversidade cultural que desenvolveram novas territorialidades, legitimadas com o surgimento e/ou desenvolvimento de diversas identidades urbanas.

Aprofundo-nos os estudos nas dinâmicas do movimento Hip-hop macaense foi possível interpretar e entender que eles se territorializa de diferentes formas pelos distintos modos de articulação entre os sujeitos e que há a imbricação das relações mediadas pela Internet com aquelas presenciais. Contudo, notou-se que não se pode atribuir o mesmo peso para os diferentes sujeitos integrantes ao movimento, como se houvesse uma espécie de isonomia interna ao grupo e como se o grupo fosse monolítico. É necessário o mergulho do

pesquisador nas dinâmicas do grupo pela observação participativa para indicar, entender e interpretar as distintas relações de poder internas ao grupo, assim como externas a ele. São pelas contradições do grupo que se desenvolvem modos particulares de articulação e organização que, uma de suas feições, pode ser interpretada e entendida territorialmente.

5. REFERÊNCIAS

- CAVALCANTI, L. S. Cidade e vida urbana: a dinâmica do/no espaço intra-urbano e formação para a participação em sua gestão. In: PAULA, Flávia Maria de Assis; CAVALCANTI, L. S. (Org.). A cidade e seus lugares. Goiânia: Vieira, 2007.
- DAYRELL, J. O rap e o funk na socialização da juventude. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.28, n.1, p.117-136, jan./jun.2002.
- DAYRELL, J. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, Juarez (Org.). Múltiplos olhares sobre educação e cultura. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- DIAS, F. L. Sociabilidade na Metrópole: as reflexões de Georg Simmel. 2012. Disponível em: <http://ensinosociologia.fflch.usp.br/sites/ensino_sociologia.fflch.usp.br/files/2012-1-Fadil%20Lira-sociabilidade-1-texto.pdf>. Acesso em: 15 de nov. 2016.
- MARTINS, C. H. dos S. Los bailes de charme: espacios de elaboracion de identidades juveniles. Ultima décad. Online. Ago. 2005. Vol. 13, no. 22 [citado 10 Junio. 2006], p. 39-62. Disponível em: <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-22362005000100003&lng=ES&nrm=isso> ISSN 0718-2236 > Acessado em: 19 de set. 2014.
- VILELA, T. A. G. O grito e a poesia do Gueto: Rappers e Movimento hip-hop no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, IFCS UFRJ, 1997. (dissertação de Mestrado)
- HAESBAERT, R. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. Porto Alegre, 2004.
- HAESBAERT, R. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. São Paulo: DP&A, 2003.

SOCIABILIDADE E IDENTIDADE HIP-HOP NA CIDADE DE MACAÉ, RIO DE JANEIRO

- HERSCHMANN, M. Na trilha do Brasil contemporâneo. In: ____ (org.). Abalando os anos 90: funk Hip-hop: globalização, violência e estilo de vida. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- LEFEBVRE, H. A revolução urbana. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- MACAÉ. Prefeitura municipal de Macaé. Petróleo em desenvolvimento. Prefeitura de Macaé. Disponível em: <<http://www.macaerj.gov.br/conteudo/leitura/titulo/macaepetroleo-e-desenvolvimento>>. Acessado em 30 de agosto 2014.
- MAGNANI, J. G. C. (Org.) Na metrópole: textos de antropologia urbana. São Paulo: EDUSP; Fapesp, 2000
- MASCARENHAS, Fernando. Lazer e grupos sociais: concepções e método. Dissertação do Curso de Pós Graduação em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2000. Disponível em: <http://cutter.unicamp.br/document/?code=vtls000213344&fd=y> acessado em: 20 de janeiro de 2015.
- PIMENTEL, Spensy. Festa do rap em sapopemba. Caros Amigos, Edição Especial, Editora Casa Amarela, São Paulo, setembro de 1998.
- ROCHA, J; DOMENICH, M; CASSEANO, P. Hip Hop: a periferia grita. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.
- ROSE, Trícia. Um estilo que ninguém segura: Política, estilo e a cidade pós industrial no hip hop, in HERSCHMANN, Micael (org.). Abalando os anos 90: funk e hip hop: globalização, violência e estilo cultural. Rio de Janeiro, Rocco, 1997
- SIMÕES, J. A. V. Redes, Internet e hip-hop: redefinindo o espaço dos fluxos. Anais 5º Congresso Português de Sociologia. Mundos sociais: saberes e práticas. Lisboa: Faculdade de Ciências sociais e humanas. Universidade de Nova Lisboa, 2008.
- SOUZA, Gustavo. Novas sociabilidades juvenis a partir do movimento hip hop. Animus: Revista interamericana de comunicação midiática / Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais Humanas. - Vol. III n 2 Santa Maria, NedMídia, 2004.
- TURRA NETO, N. Enterrado vivo: identidade punk e território em Londrina/PR. São Paulo: EdUNESP, 2004.
- TURRA NETO, N. Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava: territórios e redes de sociabilidade. 2008. 516 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Unesp, Presidente Prudente, 2008
- TURRA NETO, N; BERNARDES, A. H. Relações de interface e centralidade de lazer noturno em Presidente Prudente – São Paulo. Anais XIII Simpósio Nacional de Geografia Urbana. UERJ, 2013.